

A Complexidade do Cotidiano nas Relações Educativas

Jacqueline Menegel Albino

Resumo

O estudo propõe uma reflexão a respeito da possibilidade dos educadores adotarem um olhar multirreferencial para tentar dar conta, um pouco melhor, de questões como por exemplo o medo que imobiliza as pessoas (de um modo geral, comunidade acadêmica e sociedade) por não reconhecerem a capacidade de poder criar. Muitos são os caminhos apontados por estudiosos na busca de soluções para problemas tão complexos. Entendemos que a partir da gestão dos processos comunicacionais, os educadores, fazendo usos das novas tecnologias, podem propor atividades educacionais que façam emergir a criatividade dos alunos, experiências que permitam o entendimento do conteúdo abordado a partir da contextualização.

Introdução

Uma das responsabilidades da escola é contribuir efetivamente na formação de pessoas que possam refletir sobre suas experiências individuais como possibilidade de autoconhecimento, como forma de construção de sentido, adquirindo consciência cidadã para atuarem em uma sociedade que necessita ser transformada. Porém, as estratégias utilizadas ao longo dos anos acabam treinando as pessoas a responder o que foi ensinado e, mesmo diante da modernidade, as pessoas ainda recebem uma educação conteudista que está longe de considerar as relações interpessoais. Nesta condição, desconsiderando a subjetividade, não há motivação e os indivíduos acabam imitados não só no ambiente escolar mas também em relação aos estímulos do mundo social.

Vivemos hoje num mundo globalizado que se apoia em bases técnicas, na informação manipulada, no dinheiro e na política das empresas, gerando para maior parte da humanidade o aumento da pobreza e a perda de qualidade de vida.

Socialmente, o indivíduo já nasce rotulado, tendo em vista a trajetória familiar, o capital econômico, o capital cultural e social, elementos que atuam em um sistema complexo, oferecendo condições objetivas para obtenção do sucesso

ou do fracasso. Nesse sistema, todos nós – do ponto de vista do sujeito que tem liberdade de opção – ficamos cegos; não analisamos a realidade e sim, a percepção dela. Nossos encontros com o outro são carregados de pré-noções, representações que ganham força e legitimidade, porque são formadas pela nossa prática.

Embora a escola esteja inserida nessa sociedade, nem todos os sujeitos encontram-se na condição de mero transmissores e ou receptores de informações, por isso não podemos desacreditar na força da escola. As dificuldades, os conflitos e as contradições acabam impulsionando a mudança e, pelas relações travadas no ambiente, é possível superar as visões inadequadas do mundo e sobre nós mesmos. É preciso ter olhar crítico e considerar que o conhecer significa somente um passo do ponto de vista da transformação social, de qualquer forma, entendemos que é um desafio da escola participar da construção de um novo sujeito coletivo, especialmente no cenário atual, com a democratização de acesso ao ensino superior, tendo em vista a heterogeneidade ainda maior entre os estudantes.

Novos Paradigmas

É necessário ter clareza de quem é esse aluno que se pretende educar, aonde queremos chegar e como fazer para atingir o objetivo proposto. Neste sentido, buscando repensar o ensino, assumimos a postura teórico-epistemológica da abordagem multirreferencial.

A multirreferencialidade foi desenvolvida por Jacques Ardoino, visando uma melhor compreensão dos fenômenos sociais. A abordagem propõe um olhar mais humano, especialmente sobre os fenômenos educativos, aceita a subjetividade – o que facilita a compreensão do objeto no campo da educação, o sujeito.

A multirreferencialidade é essa pluralidade de olhares e de esclarecimentos que supõe, por sua vez diferentes

linguagens descritivas e interpretativas que não devem ser confundidas ou reduzidas umas às outras, porque derivam, de fato, normalmente de paradigmas bem distintos. (ARDOINO, *apud* POINSSAC, in BARBOSA, 1998, p. 119.

O olhar multirreferencial não é indiferente acerca das ciências constituídas, mas assume rupturas epistemológicas ao relativizar a análise do objeto buscando mais compreendê-lo do que explica-lo utilizando para isso diferentes perspectivas de leitura.

Desta forma, a perspectiva multirreferencial está intrinsicamente ligada à ideia de complexidade. Diferente do termo complicação, cuja tendência é a solução, o conceito de complexidade, de Edgar Morin, caracteriza-se pelo movimento que determina opacidade e invisibilidade de seu conteúdo e, por esse motivo, pressupõe incerteza.

A complexidade aparece certamente onde o pensamento simplificador falha, mas integra nela tudo que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de uma simplificação que se toma pelo reflexo do que há de real na realidade. (MORIN, 1995, p.8-9)

A complexidade então não elimina o pensamento simplificador, ao contrário, ela o contém, e difere do sentido de completude, porque se apresenta como problema, com traços de confusão.

No mundo em que vivemos, existem situações se apresentam tão complexas e opressoras que exigem muito de nossas inteligências para identificar o que está oculto e assim dominá-las. Mesmo diante dos avanços científicos e tecnológicos, a sociedade está mobilizada para o consumo e o individualismo, ou seja, vemos o homem é dominado por um sistema que ele próprio instituiu.

No âmbito educacional, há uma corrida desenfreada das escolas, especialmente as universidades privadas, para atender as necessidades do mercado e com isso, grades curriculares são constantemente reformuladas, espaços físicos, laboratórios, equipamentos e softwares são sempre atualizados, buscando impressionar e obter a fatia do mercado que irá garantir não só a sobrevivência da escola mas também a estrutura da sociedade instituída. A educação é um fenômeno social subordinado a configuração do sistema de ensino.

Esse sistema organiza o conjunto de conteúdo /disciplinas que visa a preparação técnica do indivíduo, e desta forma, o princípio oculto da prática escolar está justamente em unir técnica e ideologia porque as pessoas conscientemente não separam conteúdos científicos e ideológicos quando transmitidos transversalmente.

Entendemos que o docente/pesquisador deve exercitar sua condição de sujeito e questionar o sentido político das técnicas porque na escola há valores intrínsecos como a ética e autonomia da consciência que devem ser preservados. Quando ele consegue trair procedimentos rígidos e previamente determinados para ousar novos entendimentos e articulações, cria sentido e interpretações novas, mas não menos rigorosas sobre o “objeto” estudado.

Nesta perspectiva há uma perfeita imbricação entre o conceito de multirreferencialidade (que aceita a complexidade) e o conceito de educomunicação como um paradigma na interface comunicação/educação.

De acordo com Soares,

[...] a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de

todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude.

Acreditamos que as práticas educacionais é um caminho na busca de soluções para problemas complexos. Porém, os educadores apesar do esforço e interesse, ainda são inábeis para vivenciar novas didáticas mais alinhadas à cultura contemporânea. É preciso reconhecer que a aprendizagem hoje não ocorre só nos espaços educativos, e que o ensino tradicional já não está sendo suficiente. O desafio atual é integrar todas essas aprendizagens.

A partir do surgimento das novas tecnologias, há uma necessidade de buscar novas linguagens para trabalhar com essa mesma tecnologia. Os jovens interagem com facilidade com essa tecnologia que impôs uma mudança de comportamento, eles fazem parte de uma geração digital, imagética, e por esse motivo, as explicações do professor na lousa não são mais interessantes. Visando acompanhar essas mudanças nas escolas salas de aula foram equipadas com computadores e projetores, e o professor despreparado para atuar neste campo, passou a utilizar o recurso apresentando suas aulas em “*power point*” e acabou ficando refém do recurso, se o equipamento não funciona, inviabiliza a aula. A grande dificuldade do professor é aceitar que não sabe tudo e que pode aprender com seu aluno, numa situação de parceria. Contudo o formato ainda não mudou, as carteiras continuam enfileiradas, o professor continua na frente da sala e os alunos “colocados” em seus lugares esperando receber o conhecimento. Estarão os professores preparados para aplicar metodologias mais adequadas e motivadoras? Conseguirão utilizar uma nova linguagem, fazer uso dos equipamentos disponíveis para “navegar” com seus alunos na busca de elementos complementares para ilustrar a temática da aula trazendo os alunos gradualmente para situação de protagonistas? Cabe a cada professor buscar respostas para esse dilema.

A educação propõe a transformação do sujeito educador de maneira que ele (entre outras questões) passe a dominar conhecimentos sobre cultura

midiática, familiarizando-se com o uso que o campo da comunicação faz das suas tecnologias e linguagens, superando visões reducionistas sobre simplesmente contrapor/aliar educação e mídia. (SOARES, 2011, p. 19 - 20).

Desta forma, o docente-educomunicador será preparado não para operar equipamentos tecnológicos, mas para trabalhar com a cultura digital que interfere fortemente nos hábitos da sociedade atual, levando os alunos a refletirem sobre a sociedade, ideologia, consumo etc.

Conclusão

Entendemos que a partir da gestão dos processos comunicacionais, os educadores, utilizando as ferramentas tecnológicas como mediadoras poderão propor atividades que façam emergir a criatividade dos alunos, experiências que permitam o entendimento do conteúdo abordado a partir da prática. Ações baseadas em um olhar plural consideram a heterogeneidade e abrem espaço no ambiente escolar para o diálogo sobre o cotidiano das pessoas, sobre seus relacionamentos com o sistema midiático no contexto da sociedade da informação, de forma a educar para cidadania, ocasionando a ampliação das capacidades individuais.

Referências

ALBINO, Jacqueline Meneguel. **A sensibilidade do olhar multirreferencial abrindo caminhos em direção ao autor-cidadão**. 2008, 101f. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo - SP

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J.G. (coord) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. Revisão e tradução: Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 24-41.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: As multiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. Disponível em: <www.abpeducom.org.br/.../artigos-do-professor-ismar-de-oliveira.html 01/10/2013 >

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011

Autora



Jacqueline Meneguel Albino é mestre em Educação - Políticas e Gestão pela UESP, Especialista em Gestão Empresarial, Pedagoga. Atualmente é docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Experiência na área de Educação, com ênfase em Administração Escolar. Ministra as disciplinas Metodologia da Pesquisa Científica e Pesquisa de Mercado nos cursos de Comunicação Mercadológica, Gestão de Recursos Humanos, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Orienta Monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso - Graduação e Lato Sensu (EAD). Contato: jacque.meneguel@hotmail.com